



FINANÇAS

Bolsa deve manter volatilidade em abril por conta da guerra

% MERCADO DE CAPITAIS Conflito no Oriente Médio, com a possibilidade de agravamento, deve continuar impactando as negociações no Brasil, na avaliação de especialistas

JULIANA SODRÉ

O agravamento do conflito no Oriente Médio e a sinalização de uma escalada militar pelos Estados Unidos mudaram o humor dos mercados globais e devem impor um mês de abril marcado por incertezas, cautela e volatilidade. A avaliação é de especialistas do mercado financeiro, que apontam impactos diretos sobre o preço do petróleo, a inflação e as decisões de juros ao redor do mundo.

Segundo o sócio da Valor Investimentos, Higor Rabelo, o cenário atual é de "extrema cautela", com investidores adotando uma postura de espera diante dos desdobramentos do conflito, que já entra no segundo mês. "O mercado esperava um tom mais brando e conciliador, com possibilidade de fim da guerra. Isso levou a uma alta das bolsas e à queda do petróleo nos últimos dias. Mas o discurso do presidente Donald Trump, na última quarta-feira (1º), foi muito mais duro do que o esperado, indicando prolongamento do conflito e até novos ataques", afirma.

A mudança de tom teve efeito imediato. O petróleo voltou a subir, aproximando-se de US\$ 110 o barril, enquanto as bolsas internacionais passaram a operar em queda. Para Rabelo, a perspectiva de um conflito mais longo agrava dois riscos centrais para a economia global: inflação e desaceleração do crescimento. "Com o petróleo acima de US\$ 100 por mais tempo, o impacto inflacionário aumenta significativamente. Isso reduz as chances de cortes de juros, especialmente nos Estados Unidos, e também pressiona o crescimento econômico global", explica.

Com isso, a recomendação é fazer ajustes estratégicos nas carteiras, com o objetivo de reduzir a exposição a ativos mais sensíveis



Guerra no Oriente Médio deve ditar desempenho do mercado acionário em abril FOTO: MARINHA DOS EUA / REUTERS

às oscilações das taxas de juros. Nesse contexto, investimentos em renda variável, como ações, demandam atenção redobrada.

Foco - O foco, de acordo com relatório da Monte Bravo, continua sendo o mesmo: setor financeiro, exportadoras de commodities (sobretudo de petróleo) e, principalmente, as prestadoras de serviços, também chamadas de "utilities". "Diminuimos nossas exposições em construtoras. Embora vejamos valor nessas empresas no longo

prazo, preferimos manter uma participação menor e mais segura por enquanto", diz o analista da Monte Bravo, Bruno Benassi.

No mercado internacional, Benassi recomenda fundo de renda fixa americana que investe em títulos do governo. "O objetivo aqui é duplo: buscamos um ganho mais expressivo caso a economia americana sinalize uma recessão, mas também esperamos um retorno positivo, ainda que mais modesto, caso as tensões de guerra diminuam e o risco global seja reduzido", diz. %

"Com o petróleo acima de US\$ 100 por mais tempo, o impacto inflacionário aumenta significativamente. Isso reduz as chances de cortes de juros"

Higor Rabelo

Tensão global pode manter juros em patamares elevados

No Brasil, o sócio da Valor Investimentos, Higor Rabelo, comenta que o reflexo do conflito já é sentido na política monetária. A expectativa de cortes mais intensos na taxa básica de juros foi revista, e o cenário agora depende diretamente da evolução do conflito e de seus efeitos sobre os preços.

O analista da Monte Bravo, Bruno Benassi, reforça que a volatilidade deve ser a principal marca do mês. Segundo ele, a falta de clareza sobre os próximos passos da guerra mantêm

o mercado em estado de ansiedade. "A gente deve conviver com essa volatilidade enquanto não houver uma sinalização mais clara sobre o fim do conflito ou sobre os próximos movimentos. O mercado reage muito rapidamente a qualquer notícia, seja positiva ou negativa", afirma.

Ele destaca ainda que o impacto vai além do petróleo. Um eventual bloqueio ou instabilidade no Estreito de Ormuz pode afetar o fluxo global de energia e insumos estratégicos, como fertilizantes, alumínio, diesel e gás

natural, com reflexos em cadeias produtivas ao redor do mundo. "Choques de energia acabam contaminando outros mercados, provocando essa ansiedade e incerteza. Se esses produtos deixam de ser escoados, há impactos na indústria, nos alimentos e na produção global, especialmente na Ásia", observa.

O analista alerta ainda que, em um cenário mais extremo, com o petróleo alcançando patamares entre US\$ 130 e US\$ 140, cresce o risco de recessão global.

No campo doméstico, Benassi aponta que fatores políticos também devem influenciar os mercados ao longo de abril. Medidas econômicas voltadas ao aumento da popularidade do governo podem entrar no radar dos investidores, especialmente aquelas com impacto fiscal.

Além disso, a temporada de balanços corporativos, que começa nos Estados Unidos e chega ao Brasil no fim do mês, deve adicionar mais um componente de volatilidade.

Apesar do cenário adverso, os especialistas destacam que uma eventual reversão do conflito poderia rapidamente mudar o rumo dos mercados. "Se houver uma sinalização de fim da guerra, o petróleo tende a cair e o ambiente fica mais favorável, podendo abrir espaço para novos recordes nas bolsas", afirma Benassi.

Até lá, a recomendação de Rabelo, da Valor Investimentos, é de prudência. "O momento é de cautela e de acompanhar dados e decisões dos bancos centrais. O mercado está, essencialmente, em modo de espera", conclui. (JS) %

Mulheres estão investindo em ações

DIEGO COSTA*

O número de mulheres que ingressaram no mercado de renda variável cresceu 41% desde 2021, segundo levantamento da B3. Foram 55 mil novas investidoras no período. Além disso, o total de CPFs femininos ativos na B3 chegou a 1,43 milhão, o equivalente a 26% dos investidores em ações, fundos imobiliários, ETFs e outros produtos de renda variável.

Outro dado que chama a atenção é o valor médio investido pelas mulheres, que é mais alto que o dos homens: R\$ 3.029, contra R\$ 1.682.

Ao lado de São Paulo e Rio de Janeiro, Minas Gerais se destaca entre as mulheres investidoras. No Estado, o movimento ganha força especialmente entre profissionais liberais, empresárias e mães que buscam independência financeira. Em 2025, segundo dados da B3, aproximadamente 142 mil mulheres mineiras investiram em renda variável, um aumento de 4,47% em relação a 2024.

A sócia e líder da XP em Minas Gerais, Cecília Perini, afirma

que o crescimento das mulheres na renda variável representa empoderamento na prática. "Em Minas Gerais, vemos isso com clareza: mais mineiras investindo significa mais autonomia, mais planejamento e um futuro mais sólido para as famílias e para o Estado".

Fatores - Segundo dados da oitava edição do Raio X do Investidor Brasileiro, pesquisa realizada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), as principais motivações do público feminino para investir são:

- estabilidade financeira;
- abrir um negócio próprio;
- investir na saúde;
- melhorar a qualidade de vida.

"Quando a mulher conquista autonomia financeira, toda a sociedade ganha. Ela não apenas cuida melhor do presente da família, como constrói um legado de segurança e prosperidade para as próximas gerações", ressalta Perini. (*Colaborador) %



Medidas econômicas voltadas ao aumento da popularidade do governo podem entrar no radar dos investidores FOTO: DIVULGAÇÃO / B3